



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Luzian Santos de Souza

**RELATÓRIO DE ENSINO: (Re)Pensando a formação docente em
Sociologia**

MACEIÓ/AL
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Luzian Santos de Souza

**RELATÓRIO DE ENSINO: (Re)Pensando a formação docente em
Sociologia**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Grau de Licenciatura em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Júlio Cezar Gaudencio da Silva.

MACEIÓ/AL
2022

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

S729r Souza, Luzian Santos de.
Relatório de ensino :(re)pensando a formação docente em sociologia /
Luzian Santos de Souza. – 2022.
38 f.

Orientador: Júlio Cezar Gaudencio da Silva.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais :
licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais,
Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 37-38.

1. Ensino - Relatório. 2. Formação de professores. 3. Sociologia - Estudo e
ensino. 4. Estágio supervisionado. 5. Programa Residência Pedagógica (Brasil).
I. Título.

CDU: 372.831.6

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado forças para concluir o curso. O que não foi nada fácil! Ao meu esposo e filhos por terem tido paciência e respeito para com os meus momentos de estudo, minhas ausências de casa, muitas vezes durante os três turnos do dia, quando não, por dias afim. E mesmo assim, foram pacientes, deram-me incentivo e força para continuar com os estudos e chegar a esse momento de conclusão. A eles, minha gratidão.

Meu agradecimento também, as amigas do curso para vida: Walkisandra, Isabella e Beatriz Costa, que tanto me ajudaram nessa jornada dos trabalhos em grupo. Cada uma com um pensamento diferente e posições diferentes, mas que, no final das contas, acabava dando tudo certo.

Agradeço também minha amiga/irmã, Edajane Maria. Sempre que precisei dormir em Maceió, ela me acolheu muito bem em sua residência. Inclusive, foram muitas vezes. E graças a ela, pude participar de alguns eventos extra classe.

Agradeço aos professores do Instituto de Ciências Sociais (ICS), por contribuírem de forma positiva para a minha formação, em especial, os professores Dr. Júlio Cezar e Dra. Jordânia Araújo, pela parceria e incentivos ao longo de todo o curso de graduação. São professores que deixam marcas positivas na vida dos estudantes que tem o privilégio de estudar e aprender com eles.

A Universidade Federal de Alagoas, que é um ambiente rico em pesquisa, diálogo e enriquecimento profissional. Um lugar de respeito a diversidade. Aberto ao debate e as novas descobertas. Sempre promovendo cursos, seminários e eventos acadêmicos constantes. Afim de enriquecer a formação dos seus egressos.

RESUMO

O presente relatório de ensino tem por objetivo refletir sobre o processo de formação e atuações dos professores de sociologia. O tema será explorado de acordo com as minhas vivências durante minha formação, enquanto estudante do curso de Ciências Sociais – Licenciatura, ofertado pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS), na Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Boa parte dessa reflexão, se constrói, a partir das experiências práticas vividas ao longo dos Estágios Supervisionados e no Programa Residência Pedagógica (PRP - CAPES). Metodologicamente, o presente trabalho parte de um esforço de revisão bibliográfica, com foco na formação de professores, em termos gerais, bem como de professores de Sociologia, de modo particular. Assim como da consulta de documentos, como de relatórios de Estágio, do próprio PRP, assim como o Projeto Pedagógico de Curso (PPC). Tudo articulado em torno da constituição de uma reflexão sobre a construção do saber-fezer docentes, com base na autobiografia. E com base nessas experiências, irei discutir sobre as dificuldades enfrentadas por mim, e por diferentes professores de Sociologia, em sala de aula, considerando suas condições de trabalho, formação inicial, formação continuada e valorização do magistério.

Palavras chaves: Relatório de Ensino; Formação de Professores; Ensino de Sociologia; Estágios Supervisionados; Programa Residência Pedagógica.

ABSTRACT

This teaching report aims to reflect on the training process and actions of sociology teachers. The theme will be explored according to my experiences during my training, as students of the Social Sciences course - Degree, offered by the Institute of Social Sciences (ISC), at the Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Much of this reflection is built from the practical experiences lived during the Supervised Internships and in the Pedagogical Residency Program (PRP - CAPES). Methodologically, the present work is part of a bibliographic review effort, focusing on teacher training, in general terms, as well as Sociology teachers, in particular. As well as consulting documents, such as Internship reports, the PRP itself, as well as the Course Pedagogical Project (CPP). All articulated around the constitution of a reflection on the construction of teachers' know-how, based on autobiography. And based on these experiences, I will discuss the difficulties faced by me, and by different Sociology teachers, in the classroom, considering their working conditions, initial training, continuing training and valuing teaching.

Keywords: Teaching Report; Teacher Training; Sociology Teaching; Supervised Internships; Pedagogical Residency Program.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA EM ALAGOAS: CONSTRUINDO UM ESBOÇO	10
3. INGRESSO E TRAJETÓRIA NO CURSO PRESENCIAL DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	20
4. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS.....	27
4.1. Atividades desenvolvidas durante o PRP	32
4.1.1. As condições da prática docente em Sociologia.....	32
4.1.2. O planejamento da disciplina e das aulas	32
4.1.3. Recursos e estratégias didáticas em Sociologia	33
4.1.4. A regência em Sociologia.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1. INTRODUÇÃO:

O curso de licenciatura em Ciências Sociais possibilita ao graduando, atuar como docente da disciplina de sociologia no Ensino Médio. De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), o docente de Ciências Sociais, pode ainda atuar na gestão pedagógica, participando das demandas de elaboração de projetos e ações centralizados no processo de ensino e de aprendizagem. Uma vez que parte da consideração, segundo a qual, ensinar requer tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de construção do conhecimento, o que permitiria ao egresso do curso, atuar na realização de atividades de planejamento, consultoria, formação e assessoria junto a entidades públicas ou privadas, no campo da educação.

Por se tratar de um curso que possibilita atuar em diversas frentes, o mesmo me chamou bastante atenção, desde o início, quando pensava em ingressar na UFAL. Sobretudo, pela possibilidade do exercício da docência no Ensino Médio. Além disso, o curso é muito vasto em se tratando de referências teóricas, antigas e contemporâneas. E foi incrível perceber como para cada tema de interesse, sempre havia autores e pesquisadores que já haviam se debruçado e escrito sobre determinado assunto. O que só faz aumentar a curiosidade do graduando em Ciências Sociais, e estimular seu interesse pela pesquisa que o mesmo venha ter em mente, no campo do qual ele deseje se especializar. Afinal de contas, ninguém consegue dar conta de tantas teorias. Ter como um norte um campo específico, no qual se deseje atuar, facilita bastante para o estudante, bem como para seu possível orientador.

Sendo assim, espera-se que esse relatório traga algumas contribuições relevantes para quem se interessa em pesquisar o tema do Ensino de Sociologia, mais especificamente, pensando o contexto do Estado de Alagoas. Tendo como foco um esforço de reflexão autobiográfico (ABRAHÃO, 2004) e tentando dar sentido a uma história autoreferente e cheia de significados, nele irei discorrer como se deram minhas experiências ao longo do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFAL, principalmente, a partir das experiências de Estágio Supervisionado e de minha inserção no Programa Residência Pedagógica (PRP). O que me proporcionou participar de discussões no âmbito educacional, a partir de um contato direto e mais extenso, no caso do PRP, com uma instituição de ensino da rede Estadual de educação. Além do contato com experiências práticas de construção de diagnóstico,

planejamento e execução de aulas, dentre outras atividades, cumpridas durante os 18 meses de vigência do programa, que encerrou suas atividades no ano de 2020.

Para a elaboração desse relatório, também foi necessária a realização de uma revisão bibliográfica, com base nos autores estudados ao longo do curso e nos próprios espaços de estudo criados junto ao PRP. Muito embora o curso tenha me possibilitado um vasto contato em relação aos materiais e referenciais teóricos no campo da formação de professores e dos estudos do Ensino da Sociologia, priorizei e selecionei apenas aqueles que se mostraram mais relevantes as discussões aqui propostas, a exemplo dos trabalhos de Gatti (2010), Nóvoa (1995), Tardif (2011), do ponto de vista do debate mais geral sobre ensino e formação de professores. Assim como os trabalhos de Moraes (2003) e Oliveira (2013), em relação ao contexto do Ensino da Sociologia e da formação de professores nessa área.

Com isso, pretendo apresentar um material que possa servir de referência para os futuros graduandos, cursando o curso de licenciatura em Ciências Sociais, para que também possam refletir sobre formação inicial de professores, dificuldades e anseios que os professores enfrentam em sala de aula, ressaltando também a importância da oferta e manutenção de programas como PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – e o PRP – Programa de Residência Pedagógica, já pensando na preparação desses futuros profissionais para o ingresso no mercado de trabalho.

O trabalho está dividido em três capítulos: a) Capítulo I: Formação de professores de Sociologia em Alagoas: construindo um esboço; b) Capítulo II: Ingresso e trajetória no curso presencial de Licenciatura em Ciências Sociais; 3) Capítulo III: O Programa Residência Pedagógica em Ciências Sociais.

2. FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA EM ALAGOAS: CONSTRUINDO UM ESBOÇO

O Curso de Ciências Sociais – Licenciatura, único curso presencial do Estado de Alagoas, atende às necessidades da sociedade regional e local, entendendo-a e formando professores que atuem no sistema básico de educação, pois se compreende que, através da educação, a transformação pode ser viabilizada. O Curso de Ciências Sociais teve a sua implantação autorizada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão – CEPE/UFAL, em 09 de agosto de 1993, com a resolução N^o. 49 – B/93, tendo começado a funcionar no Departamento de Ciências Sociais, fundado em 1994, oferecendo a partir daí as habilitações em Ciências Sociais – Licenciatura e Bacharelado. No entanto, a partir do ano de 2006, os cursos passam a ser ofertados separadamente.

O ingresso no curso de Ciências Sociais – Licenciatura, é efetivado por meio de processo seletivo, sendo a prova do ENEM o meio de seleção, e a plataforma SISU/MEC (Sistema de Seleção Unificada), o meio de inscrição, respeitados os critérios de cotas em vigor. A UFAL pode adotar outros processos de seleção, simplificados ou não, para o preenchimento de vagas ociosas ou em casos de convênios firmados no interesse público. Em todos os casos, a igualdade de oportunidade de acesso é garantida por meio de editais. Sendo o objetivo principal do curso, formar professores com conhecimento das Ciências Sociais e que possam atuar, principalmente, como docentes da disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

O curso de licenciatura em Ciências Sociais ofertava aos discentes, segundo a Matriz Curricular do PPC de 2013, o qual regeu minha formação, disciplinas de cunho pedagógico como: *Profissão Docente; Metodologia do Ensino de Ciências Sociais; Política e Organização na Educação Básica; Desenvolvimento da Aprendizagem; Planejamento, Currículo e Avaliação da Aprendizagem; Projeto Pedagógico e Organização e Gestão do Trabalho Escolar; Pesquisa Educacional; Libras; Sociologia da Educação e Educação e Diversidade*. Além das disciplinas específicas do curso que abordam questões relacionadas ao campo teórico conceitual das áreas da Antropologia, Sociologia e da Ciência Política. Imprecindíveis para a formação específica do cientista social.

Para além dessas disciplinas citadas acima, o licenciando em Ciências Sociais também pode contar, em sua formação, com as Componentes Curriculares de Prática, sendo elas os Projetos Integradores do 1 ao 7. De carácter interdisciplinar, promovendo atividades curriculares práticas, que favoressessem a prática pedagógica. O foco principal dessas atividades é propiciar aos alunos um embasamento prático dos conceitos teóricos da formação específica e docente, adquiridos através dos conteúdos programáticos ministrados em sala de aula. No geral, temos a realização de atividades práticas, organizadas e realizadas em escolas escolhidas pelos alunos, sob a orientação dos docentes formadores da universidade e com a colaboração dos professores da Educação Básica.

Os mesmos possibilitam discussões sobre criação e aplicação de metodologias adequadas ao contexto do ensino de Sociologia no Ensino Médio, análise de livros didáticos, elaboração de planos de aulas, apresentação de seminários, fazendo com que alguns estudantes tímidos possam ir exercitando a oralidade. A mesma coisa, de uma forma mais institucionalizada, dado seu status de obrigatoriedade e existência acontece com os Estágios Supervisionados. Em um total de 4 estágios, cada um tendo uma carga horária de 100 horas.

De todo modo, seria papel dos professores de todas as disciplinas, tanto as pedagógicas como as específicas de área, trazer para suas aulas metodologias de ensino que incentivem e auxiliem os discentes na prática de seminários, elaboração de textos didáticos, análise de livro didáticos, levando-se em consideração que essas práticas são fundamentais para a formação docente e que não podem ser deixadas a merce apenas, dos componentes de prática, principalmente, os Estágios Supervisionados. Que são ofertados apenas a partir da metade final do curso, compreendendo, muitas vezes atividades curtas e pontuais. No entanto, é justamente o que acontece. O que não representa o bastante para uma formação mais adequada do professor. Fruto do próprio lugar de baixo reconhecimento de que goza a preocupação com a formação de professores de Sociologia, nos cursos de Ciências Sociais (MORAES, 2003).

Segundo o parecer 09/2001 CNE/MEC,

É completamente inadequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final de sua formação, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho do professor, nem permite um processo progressivo de aprendizagem. A ideia a

ser superada, enfim, é a de que o estágio é o espaço reservado à prática, enquanto a sala de aula se dá conta da teoria. (BRASIL, 2001, p. 23).

Por essa e por outras razões é que, a universidade incentiva e promove a oferta eventos voltados para o exercício da docência, como palestras, minicursos, oficinas entre outros. Essas ações foram revistas por meio do novo projeto político pedagógico do curso (PPC), visando propiciar ao alunado condições de atualização constante em relação aos conhecimentos produzidos pelas Ciências Sociais e à dinâmica do processo ensino-aprendizagem, proporcionando a sua positiva intervenção na perspectiva interdisciplinar. E para pensar a formação do professor de Sociologia, o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Ensino de Ciências Sociais (Xingó) realizou, durante 4 edições, o encontro Alagoano do Ensino de Sociologia/Ciências Sociais (ENALES), vinculado ao Instituto de Ciências Sociais (ICS) e a Universidade Federal de Alagoas(UFAL), em articulação com Secretária de Estado Educação do Estado de Alagoas (SEDUC).

A proposta dos eventos, sempre foi promover reflexões em torno do ensino de Sociologia na Educação Básica e também fomentar uma rede de parcerias entre Escolas, Secretaria de Educação do Estado e Universidade. O último ENALES, que aconteceu em 2019, teve como tema *Formação Docente, Reformas Educacionais e Práticas Educativas* e aconteceu junto com a programação da Bienal Internacional do Livro de Alagoas. Na oportunidade estiveram presentes estudantes de graduação, professores de Sociologia de todo o Estado de Alagoas, professores formadores da Universidade Federal de Alagoas. Com foco no lançamento de livros sobre o Ensino de Sociologia, realização de oficinas, palestras e discursões sobre o currículo das Ciências Humanas para o novo referencial curricular Alagoas.

O encontro possibilitou aos professores da rede pública de ensino participar e opinar a respeito da elaboração do referencial curricular de Alagoas, não deixando essa tarefa a cargo apenas dos professores universitários. Eventos como estes, fazem com que os estudantes de graduação aproximem-se cada vez mais, de como se dá a prática do Ensino de Sociologia. Reforçando que o curso tem se preocupado com as questões de mobilização e reflexão do estudante sobre a sua prática docente.

É importante para que se pense formação docente, que se crie essa rede entre universidade e escola, visto que a escola não é somente o lugar de aprendizagem para os estudantes do Ensino Médio, é também um lugar de pesquisa e atuação prática para estudantes de graduação. Por essa razão, a parceria entre essas

instituições de ensino é tão importante. A partir do momento que o licenciando adentra os muros da escola, este, por sua vez, passa a se tornar um lugar de formação, de inovação, de experiências, de desenvolvimento profissional. Bem como um ambiente reflexivo a prática docente, chegando a levantar alguns questionamentos e até mesmo algumas críticas de acordo com aquela nova realidade que se apresenta para o graduando de qualquer licenciatura.

Esse espaço também será, em grande medida e sem se negar as outras possibilidades de atuação profissional, o cenário onde os egressos do curso irão atuar profissionalmente. Ou seja, aquele indivíduo que antes era um mero receptor passivo, sentado nos bancos da universidade, agora passa a ser um agente de mudança tanto da sua própria história como na de seus educandos.

As vezes chega a ser um pouco assustador quando um graduando sai um pouco da sua zona de conforto, em certos casos, preso as teorias, e chega no momento do estágio, cheio de vontade de aprender, nervoso e ansioso com a nova situação. Afinal de contas é o momento que se pretende por em prática tudo que se aprendeu nos períodos anteriores. Mas quando é chegado o momento de conhecer a escola e se apresentar como estagiário de determinada disciplina, o que mais se ouve dos professores efetivos que atuam nas escolas, é a seguinte frase: “ Você ansioso pra entrar na educação, e eu ansioso pra sair”.

Frases como estas são desmotivadoras, para o iniciantes. Os veteranos deveriam levar em consideração que também já passaram por esse momento em algum período de suas vidas. Sabemos bem que as escolas públicas não funcionam as mil maravilhas, prédios maus conservados, falta de recursos, e a desvalorização por parte da comunidade com a profissão de professor. Professores maus remunerados, tendo que trabalhar em uma sala de aula pequena, cheia de estudantes, onde os mesmos perdem boa parte do tempo pedindo silêncio e tentando ministrar a aula. Logo, depois de 20 anos nesse rotina, não é de se estranhar esse tipo de fala. No entanto, tais posições entram no escopo das questões que sustentam parte do desprestígio da referida profissão.

É preciso atentarmos para o fato de que muitos professores da rede pública vivem hoje num ambiente de muita precariedade de seu trabalho e de ceticismo, e acabam não levando em consideração o seu papel de formadores. E por essa razão, atividades com o próprio estágio, não é são bem compreendido por todos os docentes das escolas, transformando-se, muitas vezes, num “nó górdio”, conforme salienta

Fávero e Mancebo (2004). Enfim, a escola deveria pensar em uma forma de acolhimento para os estudantes estagiários, a exemplo de alguns Estados americanos onde um em cada dois professores trabalham com a formação prática e o acolhimento dos estágios.

Essa questão de acolhimento aos estagiários deveria estar explícita nos documentos que regem a proposta da escola, assim como no Projeto Político Pedagógico da escola e no regimento da mesma. Dessa forma não sobrecarrega o professor que por sua vez já possui tantas outras demandas no trabalho. Devendo ser um dos deveres da comunidade escolar, pensar uma forma de acolhimento desses novos profissionais, fazendo com que eles vivenciem os sabores e dissabores do ofício de ensinar. A prática do estágio é muito enriquecedora para o estudante de graduação que, por muitas vezes, possui um vocabulário muito acadêmico e técnico. E não que isso seja ruim, mas no momento de apresentar aos estudantes certos conceitos, se ele não for claro com suas palavras seu objetivo no momento da transmissão de conteúdo não será atingido. Acredito que deva haver um meio termo em sua postura e em suas palavras.

E o estágio tem essa prerrogativa, que possibilita ações que ampliam a prática na formação do professor, permitindo ao estudante realizar trabalhos práticos além dos de ordem mais acadêmicos. Por isso o estágio supervisionado é tão importante na carreira profissional dos futuros docentes. Dada essa troca de conhecimentos entre escola e universidade, possibilitando ao estagiário, essa dinâmica em sua trajetória profissional e acadêmica.

Durante o período em que o estudante está cursando a graduação, ele deve aproveitar ao máximo as oportunidades que lhe são oferecidas no que diz respeito a vida acadêmica, como cursos, palestras, eventos, congressos entre outros. É bem verdade que nem sempre é fácil participar desses eventos uma vez que os cursos de licenciaturas na universidade, geralmente, são ofertados no período noturno para facilitar a vida do estudante que trabalha. E isso o impossibilita de participar de eventos dessa natureza, quando acontecem no contraturno. E se é complicado participar como estudante de graduação, como profissional da educação fica muito mais.

Não é novidade que os professores cada vez mais possuem menos tempo para participarem de eventos acadêmicos, atividades de formação continuada de professores e capacitação profissional. Quando o fazem, é porque a programação está inserida dentro dos seus horários de planejamento, contabilizado com parte de sua

carga horária semanal. Os professores de profissão dispõem de pouco tempo para se dedicar ao próprio desenvolvimento profissional e participar de discussões coletivas sobre os problemas do ensino, melhores condições de trabalho, remuneração entre outros.

A profissão de professor tem se tornando, a cada dia mais, uma tarefa difícil de ser executada. Afinal de contas, é uma das únicas profissões em que você precisa trabalhar, antes de chegar ao trabalho, durante e depois, para que você possa executar um trabalho com excelência. O que deixa bem claro como se dá a rotina de um professor. Ainda que o mesmo passe o final de semana fazendo seu planejamento semanal e preparando aulas, separando recursos didáticos, o tempo que lhe resta para formação continuada é escasso.

Isso porque, realizar aulas é muito mais do que transmitir conteúdos, requer do profissional competências específicas. Por isso essa ocupação tem sido tema de debates constantes. Pensar o professor como um profissional e não como “tio/tia” é valorizar a suas habilidades e as quais o mesmo adquiriu em anos de formação (TARDIF, 2011). É pensar no professor como um trabalhador que exerce uma função e é remunerado por ela e nas folgas quer praticar atividades outras.

Talvez isso ocorra devido a formação inicial, dos novos docentes que entram no mercado de trabalho com certas fragilidades, enfrentadas ainda no início da carreira. Hoje temos uma oferta de vagas nas faculdades nunca vista antes no Brasil, onde o número de faculdades e universidades antes muito reduzido, hoje se encontram ampliadas e com um grande número em todo o território nacional. Isso seria muito bom não fosse a baixa na qualidade das formações ofertadas por instituições de Ensino Superior nos últimos anos. Principalmente, em razão da ampliação no número de instituições de âmbito privado (DINIZ; GOERGEN, 2019).

Por estas e outras razões, é cada vez mais difícil encontrar bons profissionais na educação. Estados e municípios até se mobilizam para realizar seleções e contratações de professores para a rede pública de ensino. No Estado de Alagoas, por exemplo, para as disciplinas de Sociologia e Filosofia, o professor para ser contratado precisa possuir licenciatura plena em Ciências Sociais e Filosofia. O que nem sempre foi assim, já que, durante muito tempo, os editais para contratação de professores de Sociologia e Filosofia, não restringiam o tipo de formação exigida. Prática continuada nos editais para professores monitores (EDITAL/SEDUC Nº 007/2021). O último edital lançado no Estado de Alagoas nos mostra isso.

Durante meu período de Estágio Supervisionado tive a oportunidade de estagiar na sala de um professor de Sociologia que tinha graduação em Pedagogia, e que também ministrava aulas de Filosofia. É bem verdade que o mesmo estava fazendo uma segunda graduação em Filosofia. Mas sabemos que isso é um fato em comum na maior parte do Estado, pois a maioria dos professores que atuam junto a disciplina de Sociologia, possuem graduação em Pedagogia. Isso sem falar em um conjunto de outras formações.

Segundo uma professora monitora que possui graduação em Pedagogia quando ela iniciou sua atuação como monitora em uma escola Estadual na cidade de Coruripe, interior do Estado, no ano de 2019, sentiu muita dificuldade em planejar suas aulas, tendo que recorrer a ajuda de outros colegas que atuavam na área, e fazer muitas pesquisas em site e blogs que fazem essas dicursões.

Na oportunidade houve a possibilidade de troca de experiências com os colegas, por parte dela e, conseqüentemente, novas aprendizagens foram possíveis. Mas no começo, não teria sido nada fácil e as condições de trabalho não eram as melhores, já que não havia livros didáticos atualizados na escola, dentre outros fatores limitantes. Uma forma de minimizar tais problemas e dificuldades seria se a própria Secretaria de Educação, ofertasse as vagas de professor monitor, em se tratando da área de Sociologia, apenas para os discente que estivesem cursando o sexto ou sétimo período do curso de Ciências Sociais. Certamente, os estudantes do Ensino Médio sairiam do Ensino Médio letrados sociologicamente.

E quando a Escola consegue bons professores? Considero um bom professor a pessoa que teve uma boa formação acadêmica, é ético e busca sempre inovar em suas aulas, tornando-as o mais qualificadas possível. Como fazer para mantê-los na escola? Nas redes públicas de ensino cabe ao poder público traçar projetos que visem a valorização desse profissional. Pois bem, a Escola precisa ser atrativa para os profissionais. Vale ressaltar que, em Alagoas, os profissionais com nível superior/licenciatura plena também vêm obtendo melhorias em seus salários, em virtude da reestruturação, em outubro de 2021, do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS) do Magistério Público Estadual. E dessa valorização que me refiro e só é possível se houver condições adequadas de trabalho, remuneração justa, valorização do funcionário. Inclusive investir em sua formação docente, dentro e até fora da instituição, como uma segunda graduação, por exemplo.

Um bom professor com segunda licenciatura, principalmente se for complementar à primeira, como Matemática e Física, História e Geografia, História e Sociologia, significa ter um profissional mais qualificado na escola, com melhores condições, inclusive, de promover a tão desejada interdisciplinaridade. Um professor que continua a investir na sua formação, é capaz de trazer para aula novos elementos e enriquecer ainda mais os conteúdos, coisa que um professor que não teve a mesma oportunidade, pode não conseguir fazer.

Muitas secretarias proporcionam bolsas para que os seus professores se qualifiquem. Indicam seminários, congressos, fóruns e valorizam notadamente as buscas de aperfeiçoamento por meio de pós-graduação. Aqui, no Estado de Alagoas o governo também busca promover formações continuadas de curta e média duração afim de capacitar seus professores.

É um fato, professores vindos de boas faculdades onde são bem preparados, com salários dignos para sua subsistências, com boas condições de trabalho, onde possam contar com o apoio da gestão, e que executam uma carga horária semanal condizente com sua vida pessoal, onde os mesmos tenham tempo para passear, viajar e visitar espaços como teatros, museus e feiras culturais, acabam por se identificar melhor com sua profissão. O conceito de condições de trabalho pressupõe a oferta de um conjunto de recursos que viabilizam a realização da atividade profissional, o que inclui as instalações físicas, os materiais e os equipamentos disponíveis e outros tipos de apoio, conforme a natureza do trabalho. Envolve ainda as relações referentes ao processo de trabalho e às condições de emprego, como formas de contrato, remuneração e carreira. (OLIVEIRA; ASSUNÇÃO, 2010).

Mas o que vivenciamos na prática é justamente o contrário, temos no mercado um quantidade bastante significativa de profissionais da educação. A maioria insatisfeita com os salários que recebem, contam os dias para a aposentadoria. Já os que estão chegando, de tanto ver os veteranos reclamarem, seguem na mesma linha. Pessoas que acham que não vale a pena estudar tanto para acabar dando aulas em salas de aula lotadas. Mas é claro que ainda temos os que querem se capacitar cada vez mais, pois ainda lhes resta esperança em seu ofício.

Se por um lado temos professores envelhecendo, pedindo aposentadoria, professores pedindo exoneração do cargo para trabalhar em outras repartições públicas. Por outro lado, são poucos os jovens que possuem interesse em ingressar no magistério (CERICATO, 2016). Tenho ouvido muito a frase: “Profissão de

professor, Deus me livre!”. Essa fala é muito comum entre os jovens que estão concluindo o Ensino Médio.

Não é de hoje que se discute sobre a valorização do magistério. A própria Meta 18 do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014), obriga que a União, os Estados, municípios e Distrito Federal garantam planos de carreira e remuneração para os profissionais da educação escolar básica pública, denominação definida no artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96).

Já em Alagoas foi aprovado o Plano Estadual de Educação – PEE, com vigência por 10 (dez) anos, a contar da publicação desta Lei, na forma do Anexo Único, com vistas ao cumprimento do disposto no art. 214 da Constituição Federal, no art. 199 da Constituição Estadual e no art. 8º da Lei Federal nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprovou o Plano Nacional de Educação – PNE. Com diretrizes que visam valorização dos (as) profissionais da educação com investimentos na carreira e na formação inicial e continuada.

Essas discussões são de longa data, e embora estejam previstas em lei, nem sempre são adotados por todos os Estados brasileiros, que alegam não possuir recursos suficientes em seus municípios para pagar o valor estabelecido pelo governo. Com baixos salários, afetados psicologicamente devido à sobrecarga de trabalho, escolas com infraestrutura precária, cobrança por parte das secretarias estaduais e municipais para que os estudantes tenham bons desempenhos nas avaliações externas, violência no ambiente de trabalho, falta de apoio dos familiares sobretudo nesse momento de pandemia, os professores vivem diariamente, os problemas de um cenário que pouco os valoriza e incetiva, no cumprimento de suas atividades profissionais.

Todos esses fatores acabam fazendo com que os profissionais da educação tenham baixa autoestima, nenhuma identificação ou mesmo identidade profissional, por se encontrarem no processo de alienação, mecânico e intenso que não lhes permite refletir a cerca de sua prática docente. Não é por acaso que, caso tenham a oportunidade de trabalhar em outro setor, que faça parte da educação, mas que lhes permita um rotina de trabalho menos axaustiva, não irão pensar duas vezes.

Estudos mostram que o ingresso de jovens nas universidades Brasil a fora vem crescendo a cada ano que passa, por meio do Exame Nacional do Ensino Médio, Prouni, Fies, mas o interesse dos jovens universitários, nas áreas das licenciaturas, só tem diminuído. Um outro agravante além da falta de interesse pelo ingresso nas

licenciaturas é que muitos dos estudantes que já estavam cursando as licenciaturas, como sinalizado anteriormente, não chegaram ao final do curso, pois os mesmos migram para outros cursos dentro da própria instituição de ensino ou simplesmente desistem do curso. Ainda de acordo com jovens entrevistada pelas Fundação Vitor Civita (FVC) e Carlos Chagas (FCC), os mesmos até reconhecem a importância do professor, mas afirmam que a profissão é desvalorizada pela sociedade e possui uma rotina desgastante e desmotivadora. Muitos haviam chegado a essas conclusões ao observar as dificuldades que seus próprios professores enfrentavam no dia a dia.

Além do receio em iniciar a carreira docente, há ainda os que entram nos cursos de licenciaturas e concluem, o curso com sucesso, contudo, não pretendem atuar como docentes. É o caso de matemáticos que preferem trabalhar nos bancos, e de pedagogos que preferem atuar com políticas públicas voltada para educação, não necessariamente na sala de aula. Muitas vezes por não ter autonomia para desenvolver seu trabalhos, e conseqüentemente não ter o devido reconhecimento pelos anos de estudos e qualificação para se tornar o profissional que se tornou.

A profissão docente tem sido marcada por muitas lutas, até que tenhamos chegado nas conquistas acessadas nos dias de hoje. Embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, recomende a formação de professores em nível superior, o curso de Magistério, de nível médio, ainda é aceito na Educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Por isso, para preencher seus quadros de educadores, diversas secretarias aceitam inscrições nos concursos daqueles que têm essa formação. Nos importa, no entanto, conforme já apresentado até aqui, considerar as questões que impactam sobre o processo de formação de professores, no âmbito dos cursos de graduação ofertados por Instituições de Ensino Superior. E com esse objetivo, a partir desse momento, centralizarei minhas reflexões na minha própria trajetória formativa, a partir da minhas vivências junto ao curso de Ciências Sociais – Licenciatura, da UFAL.

3. INGRESSO E TRAJETÓRIA NO CURSO PRESENCIAL DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Certo dia eu estava utilizando o computador e vi no site do IFAL que o Instituto estava contratando professores de Sociologia, com um salário médio de 3 mil reais na época. Comecei então, a pesquisar sobre o que faz um sociólogo e logo me interessei por essa área que é tão ampla, possibilitando a atuação em diversos campos. Fiz o ENEM em 2014 e ingressei na faculdade em 2016, cursando o período 2015.2, pois a universidade havia passando por um período de greve anteriormente.

Iniciei, então, o curso de Ciências Sociais – Licenciatura, no ano de 2016, no turno noturno, na Universidade Federal de Alagoas. No início foi uma correira enorme pois tinha que trabalhar e dar conta da leitura dos textos, e nem sempre conseguia acompanhar. Pensei que não iria dar conta, pois o cansaço era muito grande. Trabalhar, enfrentar uma viagem diária de 4 horas todos dias (2 horas pra chegar na UFAL, 2 horas pra chegar em casa), tornava explícito o cansaço no olhar.

Encontrei muitas dificuldades em me adaptar as metodologias de ensino dos professores da universidade. E embora já tivesse cursado uma graduação, isso ocorreu na modalidade à distância, que representa um universo totalmente diferente de uma faculdade/universidade presencial e pública, que requer do estudante muito mais esforço. Certa vez participei de uma conversa com alguns colegas de curso onde eles diziam que para dar conta de algumas atividades tinham que faltar a de outro professor para poder cumprir com a demanda de tanto trabalho. Contudo, três disciplinas do primeiro período despertaram em mim um enorme interesse em querer aprender mais, eram: a) *História do Brasil*, tema pelo qual eu sempre me interessei; b) *Metodologia do ensino das Ciências Sociais* e; c) *Profissão docente*; que já traziam um pouco da reflexão sobre o fazer docente, além é claro, dos *Projetos integradores*, que sempre buscavam fazer essa mediação entre teoria e prática.

Confesso que fiquei um pouco perdida pois, com exceção de *Profissão Docente*, cujo debate já me era familiar, não tive contato anterior com as reflexões e produções de autores como Comte, Rousseau, Marx, Durkheim, Weber, dentre tantos outros e outras. Por essa razão, dentre outras coisas, ficava sentada a aula inteira, nunca debatendo, passando a mensagem de ter entendido tudo, temendo ser tachada negativamente pelos demais presentes na sala. Na oportunidade, me perguntava o que eu estava fazendo ali? Já que a impressão que tinha era a de que os colegas de

sala, pareciam tão mais experientes e talvez fosse uma perda de tempo continuar. No entanto, mesmo com tantas dificuldades de leitura e compreensão dos textos, consegui avançar em minha formação. E foi, mais precisamente, no segundo período do curso, na disciplina de Sociologia 1, que aquela minha identificação inicial com o curso, motivada por uma curiosidade, se intensificou ainda mais. Passei a me interessar ainda mais pelos debates, desnaturalizar uma série de questões que me perpassavam. Além de compreender, de fato, qual era o papel e importância da Sociologia para a sociedade. E por consequência, do professor/a de Sociologia.

E a medida que o tempo passava, mais e mais eu me admirava e refletia acerca de tudo que a Sociologia nos leva a questionar, sobre o modo de vida em sociedade, coisas tidas como naturais. O contato com grandes pensadores da Sociologia, a exemplo de Karl Marx, Émile Durkheim e Marx Weber entre outros, foi muito revelador para que despertasse em mim, minhas capacidades crítica, e que eu pudesse refletir sobre meu lugar na sociedade, tanto como indivíduo, como na atuação de professora.

É bem verdade que, ainda assim, nem todas as minhas dúvidas sobre permanecer ou não no curso, desapareceram. Essas dúvidas de continuar ou não o curso me acompanharam até o 4º período quando, já tendo cumprido a metade do mesmo, percebi que não seria muito viável da minha parte, despedir o tempo de dedicação já transcorrido. Isso sem contar que, mesmo com todo cansaço, ônibus que quebra no trajeto até a faculdade, dormir e passar do ponto de ônibus que era para descer, devo dizer que os anos passaram relativamente rápido. Nós estudantes devemos vivenciar tudo que a universidade nós oferta, caso contrário quando nos damos conta, estamos saído dela em um estalar de dedos. Por tudo ser muito corrido, acabamos nem percebendo que cada momento é único. Assim como em outras dimensões da vida da gente, não podemos voltar atrás e na universidade também não é diferente. Cada palestra, cada seminário, cada apresentação, mesmo em meio ao nervosismo, são únicas. Até mesmo as aulas que não gostamos, das quais não “simpatizamos” com o professor, também são únicas.

Dos textos que me recordo até hoje, um em especial dizia quem “nem toda boa pessoa era um bom profissional e nem todo bom profissional era uma boa pessoa” (TARDIF, 2011). Essa frase me fez refletir bastante sobre que tipo de profissional eu queria me tornar. Em virtude disso, sempre procurei me capacitar cada dia mais. Na universidade, tentei fazer parte do grupo de pesquisa Xingó, chegando a participar de alguns encontros/reuniões. E embora as discussões fossem bastante pertinentes,

no que diz respeito a pesquisa em ensino das Ciências Sociais, não consegui fazer parte frequentemente das discussões em virtude dos horários, e por morar no interior do Estado.

O curso também disponibiliza aos discentes que tenham interesse, participar do Programa de Monitoria, que auxilia o trabalho docente de um dos professores do curso e principalmente os estudantes daquela disciplina de responsabilidade do professor. Ao final da monitoria, o monitor recebe um certificado contendo seu desempenho e carga horária total de dedicação ao programa. Embora a monitoria tenha me chamado bastante atenção pois estimula no estudante a identificação com a docência, concluo o curso sem fazer parte do programa de monitoria da UFAL, tanto por falta de tempo, como também por receio em ter que ministrar alguma aula para o público de estudantes das Ciências Sociais, meus colegas.

Pensando ainda em minha trajetória no curso e formação enquanto futura docente, a universidade também oferta como preparação para esse campo profissional, o Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, que assim como no Programa Residência Pedagógica – PRP, o estudante de licenciatura irá desenvolver atividades de ensino, utilização de recursos pedagógicos e produção de materiais didáticos, sob o acompanhamento de professores da escola pública (supervisor ou preceptor) e do coordenador de subprojeto. No caso do primeiro, infelizmente não participei. Talvez por falta de conhecimento a respeito do que seria o PIBID e também por falta de tempo.

Temos ainda, na grade curricular do curso de licenciatura, desse não pude fugir, o Estágio Supervisionado Obrigatório, no qual a professora de estágio, durante as aulas que ministrou atuou como orientadora das atividades de estágio, e tendo sido a partir daí que, de fato, tive meu primeiro contato com a docência no ensino médio, junto a disciplina de Sociologia.

E o Programa de Residência Pedagógica que foi um programa muito enriquecedor quando falo de minha formação docente. Além de ofertar bolsa, o programa oferta ainda ao estudante de licenciatura uma gama de conhecimentos gigantesca, para refletir sobre docência e colocar em prática um pouco do que foi visto na formação ofertada pela universidade.

Ainda sobre esses programas de iniciação à docência, os mesmos são uma oportunidade única de aprender um pouco mais sobre a docência antes de adentrar

efetivamete no mercado de trabalho e pensar se de fato é realmente essa profissão que se quer seguir.

Além disso, ingressar nesses programas que ofertam bolsa é muito importante pois representa a possibilidade de uma maior dedicação as atividades de formação o que favorece ao estudante uma maior bagagem acadêmica após o término do curso, ou mesmo de sua manutenção e permanência no mesmo (OLIVEIRA; LIMA, 2013). Afinal de contas, a oferta de vagas que a universidade dispõe para esses programas, embora em um quantitativo interessante, não é suficiente, já que não consegue atender todos os estudantes dos cursos contemplados. Desse modo, é preciso pensar em políticas educacionais que garantam de fato a permanência e conclusão do curso por parte dos egressos.

Sei que essa decisão tem impacto direto na formação dos estudantes. Se, por exemplo, levamos em consideração uma estudante que participou de todos os programas, palestras, cursos e seminários que a universidade ofertou, durante sua permanência no curso, com um estudante que durante todo o período do curso, trabalhou e frequentou apenas as disciplinas, de certo que, a primeira poderá ter melhores chances no mercado de trabalho, ou mesmo, diante do interesse de dar continuidade a seus estudos, ingressando em mestrado e, posteriormente, em um doutorado.

Outro elemento importante que não poderia deixar de citar aqui é a existência das residências universitárias, para estudantes que moram no interior e querem e podem se dedicar integralmente aos estudos. Ter a oportunidade de morar na própria instituição de ensino pode ser um facilitador de vários acessos, com os quais outros estudantes não contam, por conta de chegarem à universidade já no horário de início das aulas. É como se ele estivesse um passo a frente dos outros que perdem horas e horas nos ônibus inter-municipais para chegar até a universidade, que não conseguem acesso ao restaurante universitário, laboratórios de informática e biblioteca, de maneira mais sistemática. Mas como na vida nem tudo são flores, sobretudo para estudante de graduação, os estudantes que residem na residência universitária (RUA), também sofrem com a falta de segurança no local, onde já houve diversas situações de assalto, conflitos entre residentes, falta de internet, água etc.

Pense em quantos textos daria pra ler em 4 horas diariamente, quantos artigos daria para escrever em um período letivo, quantos seminários, cursos e palestras daria para participar morando na universidade. Faço esse cálculo a partir de minha

necessidade de deslocamento e o quanto gostaria de ter me dedicado mais, mas as condições estruturais não me permitiram.

Quero deixar aqui resgistrado também a importância do RU para mim e para os demais estudantes da universidade. Confesso que levei algum tempo para descobri-lo pois quando inicie o curso era direto do ônibus para a sala, da sala para o ônibus. Mas quando descobri o RU, fiquei chocada com o quanto sua existência faz a diferença para os estudantes.

Sei que existe crítica sobre a qualidade dos alimentos servidos lá, mas para quem tem fome e pouco dinheiro não há muito do que se queixar. No início, logo quando comecei a frequentar, as filas eram gigantescas, depois, não me recordo ao certo quando, algumas mudanças foram implementadas e o atendimento aos universitários se tornou mais ágil, o que facilitou, e muito, a vida de muitas pessoas. Já muitas vezes tinha que escolher entre fazer a refeição e enfrentar uma fila quilométrica ou chegar na sala de aula a tempo do início das explicações do professor.

Mas voltando especificamente aos aspectos da minha formação, já sou graduada em pedagogia pela FTC/EAD, Faculdade de Tecnologia e Ciências de Salvador e exerço a função de docente no Fundamental I, anos iniciais, desde de 2012. Mas pensei em continuar estudando pois, como bem sabemos, o conhecimento é algo sempre em expansão. Sempre pensei em fazer uma segunda graduação em história, disciplina pela qual sempre me interessei desde o Ensino Fundamental. Cheguei a fazer uma inscrição em uma outra faculdade EAD, que iria abrir um polo aqui na minha cidade, foi quando o polo não abriu e os alunos ingressos teriam que ir para Maceó. Achei que não daria conta e desisti.

Desde a conclusão do Ensino Médio sempre quis fazer qualquer curso de graduação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), isso sem ter tido nenhum tipo de contato com a universidade. Só mesmo por se tratar de uma instituição federal eu já ficava animada, considerando o que tais instituições representam no imaginário social. Se para alguns doutores a UFAL é considerada uma universidade periférica, para mim e para muitos estudantes, ela representa um grande centro de conhecimento, dentro do Estado. Por isso, hoje em dia percebo que já existe um movimento do Ensino Médio, fazendo com que os estudantes da Educação Básica conheçam e façam visitas a universidade. O que é uma ótima iniciativa.

A universidade é um espaço muito rico em termos de conhecimentos, para quem pretende estudar. Foram poucos os momentos em que tive a oportunidade de

estar na universidade no turno matutino, e achei muito interessante pois o público é de pessoas bem jovens, e os cursos ofertados nesse período, em sua maioria, são cursos que não são ofertados no turno noturno. Já no noturno, assim como em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola pública, a maioria trabalha, já chega na universidade cansado. Em geral, são estudantes para os quais não sobra muito tempo para aproveitar tudo de bom que a universidade oferece.

Segundo dados da Fonaprace/Andifes de 2019, o percentual de estudantes trabalhadores na UFAL, representava um percentual de 36% (UFAL, 2020). Isso sem falar que quando tem eventos acadêmicos, os melhores palestrantes, as melhores mesas de debates, as melhores oficinas, tudo isso acaba ocorrendo no período diurno.

O mesmo também acontece com as disciplinas eletivas, sempre que a coordenação do curso disponibiliza o quadro de horários, a ser ofertado em um determinado bimestre, as disciplinas eletivas que mais me chamaram a atenção, ao longo de minha formação, sempre foram ofertadas no período vespertino.

Embora sempre soubesse da importância de participar de eventos dessa natureza, sei que não fui uma universitária muito assídua a esses eventos acadêmicos. Por exemplo, sempre havia excursão para fora do Estado, não era para mim viável participar, pois trabalhava. E existiam outros fatores que me empediam de participar. Isso faz com que, do meu ponto de vista, pessoas que vivenciaram mais a universidade e tudo que ela oferta, saiam do curso bem mais preparado.

Ainda assim, após tantas idas e vindas da minha formação. Conforme ocorreu com a disciplinas de Sociologia nos currículos escolas, que apesar das intermitências em âmbito nacional, finalmente se tornou obrigatória aos currículos da Educação Básica em 2008 (OLIVEIRA, 2013). E mesmo que o contexto atual seja de incertezas, por conta da nova Reforma do Ensino Médio (Lei 13.415/2017), os horizontes de futuro, não se encontram completamente fechados.

Consigo perceber, enquanto estudante do curso de Ciências Sociais, os avanços aos quais chegamos até aqui e o quanto, a partir das minhas experiências, o curso de Ciências Sociais – Licenciatura da UFAL, me possibilitou definir os contornos da minha identidade docente. A qual se constroeu em um fluxo intenso e permanente de acumulação e ressignificação de múltiplos saberes e os quais se estruturam a partir de uma adequada relação entre a teoria e a prática, entre os espaços de atuação profissional e de formação universitária.

E certamente, enquanto alguém que se identifica com os estudos e debates sobre o Ensino da Sociologia escolar, tenho consciência de que ainda precisamos avançar (SOUZA; MARINHO; GAUDENCIO, 2015), já que estamos longe de um certo ideal, se é que ele existe, que coloca a formação de professores em um lugar de centralidade real para os cursos de licenciatura em Ciências Sociais, rompendo com as dinâmicas historicamente hegemônicas, que subordina estes últimos aos cursos de bacharelado (MORAES, 2003).

Com o objetivo de trazer mais detalhes sobre minha formação, focando em uma das experiências que muito me impactaram nesse processo, a partir do presente momento focarei minha discussão tendo como base o período em que participei do Programa Residência Pedagógica (PRP). Destacando seus desdobramentos sobre a constituição de minha profissionalidade e identidade docentes, enquanto futura professora de Sociologia. Para tanto, apresentarei o contexto das ações e atividades realizadas naquele momento, uma vez que compreendo que são fundamentais na compreensão de um quadro mais geral, sobre o tipo de formação que está disponível, aos estudantes que podem participar desse programa. Que se agrega aos demais elementos já disponibilizados por meio das disciplinas, componentes curriculares, projetos de extensão e pesquisa definidos pelo PPP do curso.

4. O PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Segundo a Unesco, os quatro pilares da educação são: a) aprender a conhecer; b) aprender a fazer; c) aprender a conviver e; d) aprender a ser. E irei iniciar o presente capítulo, tendo como base, justamente um desses pilares, qual seja, *aprender a fazer*. Pois foi bem isso que o Programa de Residência Pedagógica (PRP) significou para mim, enquanto estudante do curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFAL, *aprender na prática*.

O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da Educação Básica nos cursos de licenciatura

Fui apresentada ao programa em uma disciplina do 5º período no Centro de Educação (CEDU), da universidade. Na ocasião a professora nos falou um pouco sobre o programa, salientando que, como nos encontrávamos no 5º período do curso, estávamos aptos a participar do programa. Podendo receber uma bolsa ou participar como voluntário.

Os projetos institucionais a serem apoiados pela CAPES no âmbito do PRP foram selecionados por meio de editais, os quais estabeleceram os requisitos e os procedimentos atinentes à participação das IES interessadas. O projeto institucional foi desenvolvido pela IES de maneira articulada com as redes de ensino e com as escolas públicas de Educação Básica, contemplando diferentes aspectos e dimensões da residência pedagógica.

O PRP foi desenvolvido em regime de colaboração entre a União, os Estados, os municípios e o Distrito Federal e as IES selecionadas, formalizado por meio de Acordo de Cooperação Técnica – ACT, firmado entre a CAPES e cada IES participante, bem como pela adesão ao PRP pelas redes de ensino mediante habilitação de suas unidades escolares para participarem como escolas-campo.

No curso de Ciências Sociais tivemos maiores detalhes a respeito do programa, a partir de reuniões promovidas pela coordenação de curso. Nessas reuniões, fomos informados que para que nós do ICS estivessemos condições de estar aptos e sermos contemplados para participar do programa no âmbito da UFAL, teríamos que contar com um número mínimo de participantes. E claro, havia uma evidente preocupação

em garantir a vinculação ao programa, uma vez que isso representaria a oferta de bolsas de estudo, para que os estudantes contemplados pudessem arcar com algumas despesas mínimas para sua manutenção.

Mais uma vez, pensei que não iria participar por conta da logística de trabalho, por morar no interior e, em razão das atividades na escola campo. Meu receio era de não chegar a tempo na escola, pois havia o risco de que fosse lotada em uma escola distante. E sendo este o caso, como iria fazer para chegar lá em tempo hábil. Mas, por fim, acabei participando e realizei minhas atividades do programa, em uma escola que fazia parte do meu trajeto diário para a UFAL.

Em um primeiro momento, finalizado o processo de submissão do Projeto Institucional, divulgação do resultado nacional e seleção dos participantes – coordenador de subprojeto, preceptores e residentes –, foi definido um dia no qual todos os participantes que atuavam naquela instituição de ensino, pudessem estar presentes. Na oportunidade, fomos muito bem recebidos pelo gestor da escola, que se colocou a disposição de todos nós para o que precisássemos. O professor preceptor se encarregou de nos mostrar as instalações da escola. Conhecemos a biblioteca, o laboratório de informática, o refeitório, a sala dos professores, a quadra de futsal, a cantina da escola e as salas de aula.

Feito isso, já na universidade, em um outro momento, sentamos para nos organizarmos em duplas e para que tivesse início os trabalhos na escola. Nos apresentamos a uma das turmas e iniciamos nossas atividades de observação nas aulas do professor preceptor.

A participação do estudante de licenciatura em Ciências Sociais no PRP, além da bolsa de estudos no valor de R\$ 400,00, certificado de 400 horas e dos novos conhecimentos adquiridos ao longo dos 18 meses de vigência do projeto, também representava o aproveitamento como carga horária de Estágio Supervisionado Obrigatório. Por essa razão, sempre que comparecemos a escola o professor tinha uma folha para ser assinada por nós como um controle das frequências, a fim de comprovar nossa efetiva participação no programa, conforme orienta o edital.

Em relação ao Estágio Supervisionado, ainda cheguei a realizar o Estágio 1, em uma Escola na cidade onde resido. Sendo as atividades restritas a parte de observação. Embora tenha ficado apenas na observação, sem ter feito a coparticipação e a regência, foi possível estabelecer uma relação entre as duas escolas e seu público, ambas eram escolas estaduais e ofertavam o Ensino Médio

integral, por isso foi muito bom para mim ter feito essas observações em instituições diferentes porém dentro da mesma esfera de gestão. Mesmo que, tenha clareza das diferenças entre uma dinâmica de contato mais superficial, em geral ocasionada pelas dinâmicas do próprio estágio, e uma maior imersão, possibilitada por um esforço de maior continuidade, como no caso do trabalho desenvolvido junto ao PRP.

Naquele momento de participação do PRP o que mais me inquietava eram as propagandas do governo que chamavam atenção dos pais para que matriculassem seus filhos nas escolas de tempo integral. Parecia coisa de primeiro mundo, fazendo-me lembrar da fala de Anísio Texeira, quando ele sugere que a escola pública deveria ser de tempo integral, tanto para professores como para os estudantes. Como a *Escola Parque*, por ele fundada em 1950 em Salvador, que mais tarde inspiraria os Centros Integrados de Educação Pública (Cieps) do Rio de Janeiro e as demais propostas de escolas de tempo integral que se sucederam. Cuidando desde a higiene e saúde da criança, até sua preparação para a cidadania. Esse modelo de escola é apontada, por muitos, como solução para a educação primária, uma vez que no Centros as crianças receberiam formação integral. O que do ponto de vista dos idealizadores dos centros integrados, possibilitaria resolver ou minimizar o problema da vulnerabilidade das crianças, expostas as situações de rua ou a lugares impróprios, enquanto seus pais trabalhavam (CAVALIERE, 2010).

Fazendo parte do Residência Pedagógica foi possível perceber como se dava a oferta de ensino integral no estado de Alagoas. E embora as duas unidades de ensino por mim visitadas fizessem parte da mesma rede, como já foi dito anteriormente, como já era de se esperar e de acordo com relatos dos próprios gestores, a que ficava situada na capital sempre recebia mais recursos e isso possibilitava à gestão da escola e aos demais funcionários, ofertar aos educandos maior diversidade de atividades, uma vez que dispunham de mais recursos em relação a escola situada no interior. Até mesmo outras escolas situadas na Capital, também não recebiam os mesmos benefícios por serem de bairros mais afastados. Como a escola-campo fica dentro do Centro de Pesquisa Aplicada (CEPA), onde também fica a sede da Secretaria Estadual de Educação, a mesma recebia uma maior atenção em todos os sentidos por parte da SEDUC, inclusive maiores cobranças na produção de projetos integradores, gincana estudantil, entre outros eventos.

Além da carga horária que tínhamos de cumprir dentro da escola no programa PRP, também tínhamos uma carga horária reservada para encontros para discursões

e planejamento das aulas e atividades a serem realizadas nas escolas. Como a escola ofertava 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, cada série recebeu residentes que em dupla faziam o acompanhamento das aulas do professor regente. Tais observações funcionaram como suporte no momento dos residentes realizarem suas atividades de regência. E como a escola funcionava em tempo integral, tínhamos uma vantagem, em termos de nossa organização interna, uma vez que quem morava na capital e não trabalhava, poderia frequentar a escola no turno matutino. Enquanto outros poderiam concentrar suas atividades no período vespertino. E claro, havia pessoas que chegavam a frequentar os dois turnos, para completar sua carga horária.

No meu caso que trabalhava aqui na cidade onde moro, largava as 11:20, pegava o ônibus de 11:30, chegava em Maceió às 13:00 horas, pegava um ônibus para o Centro Educacional de Pesquisa Aplicada (Cepa), chegava na Escola por volta de 13:30, descansava um pouco e participava da aula das 14:00. Tudo isso acontecia as terças e quartas no período de 18 meses. Sendo que a noite, ainda tinha aula na UFAL. Mas já no final do programa, houve dias em que eu não precisei ir à universidade pois já havia concluído a maior parte das disciplinas. Então, após sair da escola, poderia pegar o ônibus da tarde e retornar para casa.

Ainda no Programa Residência Pedagógica tivemos a oportunidade de discutir, juntamente com corpo discente da escola-campo, sobre a implementação do novo Ensino Médio. Momento muito proveitoso, enriquecedor para a formação dos que se fizeram presentes.

Sobre a metodologia de ensino do professor preceptor, as aulas eram, em sua maioria, expositivas e o livro didático adotado por ele foi o livro *Sociologia em Movimento*, da Editora Moderna. Na ocasião, também recebemos um exemplar para nos ajudar no momento em que fossemos preparar e executar nossas aulas. O livro foi aprovado no PNLD de 2018 e possuía uma linguagem muito clara e de fácil compreensão por parte dos estudantes. O que facilita bastante tanto para o professor ministrar um conteúdo com uma linguagem agradável e compreensível, quanto para o estudante que conseguia captar a proposta da aula e apresentar o feedback esperado pelo professor.

O Guia do PNLD, do ano de 2018, indica que os livros de Sociologia devem apresentar dois pilares, que são os princípios de “desnaturalização” e “estranhamento” dos fenômenos sociais (BRASIL, 2017). Destacando que o livro didático deve ser capaz de apresentar um arcabouço teórico e conceitual que compõe as ciências

sociais, possibilitando a compreensão por parte dos alunos de Ensino Médio (HANDFAS, 2013). E claro, também outros fatores devem ser levados em consideração na hora da escolha do livro didático, como nos aponta Handfas (2013).

De acordo com o que foi mencionado acima, o livro didático se apresenta como uma ferramenta fundamental nas mãos do professor. É ele, muitas vezes, que norteia e mostra um direcionamento para a elaboração do plano de aula do professor. No entanto, cabe ao professor escolher de que forma esses conteúdos serão trabalhados em sala. Buscando metodologia atrativas que envolvam os estudantes. Por essa razão que o professor deve estar buscando sempre formação continuada.

Participar das aulas contribuíram muito para a minha formação, sendo possível aliar teoria a prática. Todos esses conceitos já haviam sido discutidos na universidade, mas no PRP foi o momento de vivenciá-los na prática. Ver de perto como pensa um estudante de Ensino Médio nos dias de hoje. E isso só era possível porque o professor era dinâmico e tinha domínio do conteúdo, inclusive, dada sua formação em Ciências Sociais, o que estimulava ao estudante participar das aulas voluntariamente.

Ainda no PRP, no finalzinho do ano de 2019, os alunos fizeram a apresentação dos projetos integradores, em que cada turma tinha um docente orientador que ajudou na elaboração e na execução de um projeto. Os projetos apresentados foram bullying, trabalho infantil, violência doméstica, plantas medicinais e tecnologias na educação física.

Para nós, integrantes do Programa Residência Pedagógica, fomos responsáveis por promover uma gincana estudantil. Na ocasião, cada integrante do programa traria um material didático confeccionado por nós mesmos, para apresentar na gincana e mostrar para os estudantes qual seria sua utilidade nas aulas de Sociologia. Na oportunidade, confeccionei uma *caixa sociológica*, contendo nela imagens e figuras de temas que já foram discutidos em sala de aula. Fizemos um círculo e ao som de uma música a caixa passava de mão em mão. Caso a música parasse, quem estivesse com a caixa na mão pegava uma figura, mostrava para os demais integrantes, falava o conceito relacionado a imagem, exemplo Estado, e depois dava sequência ao jogo, até que todos os participantes tivessem a oportunidade de falar.

Depois de tantas observações e participação chegou o momento de ministrar aula e o fiz na turma do 2º ano B. A mesma foi sobre racismo e a avaliação do professor preceptor foi que me saí muito bem. É bem verdade que, já tinha uma certo

entrosamento com a turma e não achei muito difícil conduzir a aula naquela turma. Além do mais, os estudantes eram muito participativos, o que facilitava ainda mais a exposição da aula. Inicie a aula expondo no quadro imagens de pessoas pretas e brancas, fazendo algumas indagações para os estudantes sobre o tema que iríamos trabalhar. Por ser um tema atual não tiveram muitas dificuldades e logo os estudantes trouxeram suas contribuições com exemplos de seu cotidiano. A seguir veremos em detalhes como foram desenvolvidas minhas atividades na Escola Estadual Afrânio.

4.1. Atividades desenvolvidas durante o PRP

As atividades desenvolvidas por mim na escola foram de observação, coparticipação, regência e planejamento pedagógico, além de estar inserida no projeto integrador da escola, com o tema bullying, que durou até o final do ano de 2019 e contou com apresentações, dramatização e oficinas dentro da escola. Abaixo seguem algumas informações agrupadas a partir de eixo que, durante a vigência do programa, consideramos importante destacar.

4.1.1. As condições da prática docente em Sociologia

Considero que as condições de trabalho do professor de Sociologia da escola Afrânio Lages são boas, tendo em vista que o professor possui à disposição, livro didático escolhidos por ele, sala de aula com uma média de 30 estudantes, as salas são climatizadas, embora às vezes os aparelhos façam barulhos que chegar até a atrapalhar as aulas. Do ponto de vista nacional e estadual creio que os professores que trabalham no CEPA, em geral, possuem algumas vantagens em relação aos de outras realidades alagoanas. Pelo o fato de está situado no mesmo complexo que a Seduc, recebe recursos financeiros e materiais de maneiras mas eficaz em comparação as demais escolas, mesmo as que ficam situadas na capital do Estado.

4.1.2. O planejamento da disciplina e das aulas

Os planejamentos foram feitos individualmente e em grupo. Não tive muita dificuldade em elaborar os planos de aula pois o livro didático me ajudou bastante, visto que os conteúdos contidos no mesmo são os mesmos abordados em sala de

aula pelo professor. Embora o livro seja rico em seus conteúdos, imagens, dicas de filme e leitura complementar, ainda assim senti um pouco de dificuldades com relação a metodologia, pois procurei ministrar uma aula diferente que não se restringisse tanto ao parâmetros do livro. Da experiência melhor que eu tive na sala de aula foi no dia que eu estava ministrando uma aula sobre trabalho e tive o feedback imediato por parte dos estudantes que passaram a dialogar comigo, fazendo-me ser compreendida por usar uma linguagem adequada naquela ocasião, tornado a aula dialogada.

Os meus planejamentos individuais sempre foram aceitos por parte do professor preceptor, pois sempre estivemos em contato por meio do grupo do whatsapp, tirando dúvidas sobre as aulas. Tendo o mesmo sido muito atencioso, e sempre que saíamos da escola já sabíamos qual seria o conteúdo da próxima aula.

Como as aulas foram mais expositivas, os recursos não foram muitos difíceis de organizar. Geralmente, um conteúdo levava em média duas aulas para ser abordado, então conduzíamos da seguinte forma: primeiro apresentávamos os conceitos, discutíamos um pouco com a turma e na aula seguinte aplicávamos algum tipo de avaliação, redação, exercício, interpretação de texto ou letra de música, debate entre os grupos; enfim, sempre que se encerrava um conteúdo, era aplicada alguma avaliação.

4.1.3. Recursos e estratégias didáticas em Sociologia

Os recursos didáticos, foram um tema de debate constante entre todos nós que fizemos parte do programa. De todo modo, na escola Afrânio Lages tínhamos como recursos disponíveis televisão, dvd, biblioteca, sala de informática, aparelho de som, livros, impressora para xerox e espaços para apresentações. Mas o recurso usado com maior frequência pelo o professor é o quadro branco, piloto e as vezes o livro didático. Houve momentos em que ele usou o aparelho de som, para trabalhar com música em sala de aula, eu também utilizei para trabalhar com músicas, meus colegas, por sua vez, utilizaram a sala de vídeo. Como trabalhei com a leitura de imagem, também solicitei ao professor que fossem feitas cópias das imagens na copiadora da escola.

4.1.4. A regência em Sociologia

Com a nova LDB – Lei nº 9.394/96 –, apresentam-se as condições para que a Sociologia se faça presente no currículo do Ensino Médio. Em seu Artigo 36, § 1º, Inciso III, há a determinação de que “ao fim do ensino médio, o educando deve apresentar domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania”. Mas, apenas com a Lei 11.684, de 2008, é que o ensino de Sociologia e Filosofia se tornam obrigatórios. E por mais, uma vez, se vêem em situação de risco, por conta da aprovação da Nova Lei do Ensino Médio, Lei 13.415/2017.

Sobre o currículo no Estado de Alagoas, no que se refere a disciplina de Sociologia, esta está distribuída da seguinte maneira: ensino diurno 40 horas anuais; ensino integral 80 horas anuais e; EJA 20 horas anuais, sendo a hora aula de 60 min. Nesse sentido o ensino integral ganha uma hora a mais ficando com 2 horas aulas por semana.

Um dos grandes problemas que se encontram no ensino de Sociologia tem sido a simples transposição de conteúdos e práticas de ensino do nível superior – tal como se dá nos cursos de Ciências Sociais – para o nível médio. E é justamente esse tipo de prática que o professor preceptor tentou mudar e que nós do PRP, muitas vezes, tendíamos a reproduzir.

Eu vejo isso como um ponto positivo da aula, trazer os conteúdos para a prática cotidiana dos discentes. A didática do professor era boa e o mesmo buscava falar uma linguagem clara e acessível a realidade dos discentes. Já as aulas que foram ministradas por mim, acho que como todo iniciante, fiquei um pouco nervosa, embora os discentes fossem tranquilos. O professor também me deixou bem à vontade, e apesar do nervosismo da primeira aula, creio ter me saído bem.

Uma das minhas principais dificuldades foi com relação ao tempo, pois 1 aula passa muito rápido, e é preciso ter cuidado para não correr demais e acabar sendo superficial na apresentação do conteúdo. As vezes tive a impressão de que quando à aula estava ficando bem interessante o sinal tocava. É como se no momento em que os estudantes fossem dar sua contribuição, dando-me a certeza de seu entendimento sobre o conteúdo abordado, a aula terminava na melhor parte.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao término do curso e do presente relatório, com a sensação de dever cumprido. Estudar na Universidade Federal de Alagoas sempre foi um sonho desde o meu Ensino Médio. E por mais que imaginasse a grandeza de uma universidade pública e sua contribuição em minha carreira docente jamais poderia imaginar a diversidade de descobertas que estavam por vir. Até parecia um outro mundo, onde tudo ao redor era novo, repleto de aprendizagens. Fosse no ICS, no CEDU, nos demais blocos espalhados pelo o Campos A.C Simões, todos os espaços transmitem aprendizagem.

No início de 2016, quatro anos parecia uma eternidade, mas de repente, passou e aqui estou, escrevendo as últimas linhas do meu trabalho de conclusão de curso para a Universidade Federal de Alagoas, consciente que a formação de professor é um processo contínuo e que a licenciatura em Ciências Sociais, me possibilitou um série de inserções dentro de um processo amplo e sistêmico, que caracterizam minha profissionalidade.

Sobre o PRP, foi muito importante para a minha formação profissional. Me possibilitou atuar como docente a frente de uma sala de aula. Além disso, as reuniões e as trocas de experiências foram muito proveitosas, ouvir os colegas, suas angustias dificuldades e atividades que realizaram com êxito, para mim só agregou. Pude fazer meus relatos, ser ouvida e ouvir dicas que me ajudaram bastante, mesmo tendo consciência que cada sala tem suas particularidades, é sempre bom ouvir outras realidades e trocas de experiências.

Meu contato com o professor preceptor foi bom, sempre fui muito bem recebida, sempre que precisei ele me atendeu, tirando minhas dúvidas sobre as aulas seguintes e os conteúdos. Foi um período muito difícil, de muita correia, muitas vezes achava que não ia dar conta, e hoje, após esse período pandêmico me pego perguntando como era que eu conseguia dar conta e se valeu a pena? Sim, valeu muito a pena! Hoje sou uma educadora com um olhar mais aberto a novos conceitos, teorias e vivências, parte dessa bagagem a universidade cumpriu com o objetivo de fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes do curso de licenciatura.

Em sua obra intitulada *Saberes Docentes e Formação Profissional*, Tardif (2011) nos fala a respeito dos saberes docentes e a sua relação com a formação profissional dos professores e ainda com o próprio exercício da docência. Isso me leva

a refletir sobre minha atuação no curso e no PRP, bem como as relações que os professores estabelecem entre os seus saberes. Porque a partir do momento que um indivíduo encara a profissão docente passa a ser avaliado a todo momento por todos a sua volta, suas práticas, vícios, costumes.

Como diria Sérgio Brito é “caminhado que se faz o caminho”. A UFAL e o ICS, com seus programas, seminários, cursos e minicursos, me ajudaram a construir minha identidade docente. A Universidade Federal de Alagoas representa a mudança na vida dos docentes, sobretudo dos que, assim como eu, conseguem concluir os cursos por ela ofertados. Em meio a tantas aprendizagens, novos questionamentos levantados dentro da Universidade foi possível refletir sobre meu papel dentro da sociedade como mulher, negra, mãe, estudante e trabalhadora que teve a ousadia de enfrentar uma Univesiddaes atender suas demandas e sair de lá ainda mais empoderada qualificada.

6. REFERÊNCIAS:

ABRAHÃO.M.H.B. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL, **Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena**. Parecer CP/CNE 09/2001, homologação publicada no DOU 18/01/2002, Seção 1, p. 31.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. **Guia dos Livros Didáticos do PNLD EJA 2014** /Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. – Natal: EDUFRRN, 2014.

CERICATO, Itale Luciane. A profissão docente em análise no Brasil: uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 97, n. 246, 2016, pp. 273-289.

CAVALIERE, Ana Maria. Anísio Teixeira e a educação integral. **Paidéia**, v. 20, n. 46, 2010, p. 249-259.

DINIZ, Rosa Virgínia; GOERGEN, Pedro L. Educação Superior no Brasil: panorama da contemporaneidade. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 24, n. 03, 2019, p. 573-593.

FÁVERO, Maria de Lourdes; MANCEBO, D. (Org.). **Universidade: políticas e avaliação docente**. São Paulo: Cortez, 2004.

GATTI, B. A. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. **Educ. Soc.**, v. 31, n. 113, 2010, p. 1355-1379.

HANDFAS, Anita. Os livros didáticos de Sociologia. **Revista Coletiva**, v. 1, 2013, p. 50-55.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MORAES, A. C. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. **Tempo Social**, São Paulo, v. 15, n. 1, 2003, p. 5-20.

NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto, 1995.

OLIVEIRA, Amurabi. A formação de professores de ciências sociais frente às políticas educacionais. **Crítica e Sociedade**, v. 3, n. 2, 2013, p. 132-152.

OLIVEIRA, Amurabi; LIMA, Vilma Soares. Formação de Professores em Ciências Sociais: Desafios e possibilidades a partir do Estágio e do PIBID. **Inter-Legere**, s/v, n 13, 2013, p. 140-162.

OLIVEIRA, D. A.; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de Trabalho Docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. C.; FRAGA, L. V. **Dicionário**: Trabalho, profissão e condição docente. GESTRADO: UFMG, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade, teoria e prática?. São Paulo: Cortez, 1994.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOUZA; Jordânia de Araújo; MARINHO, Noélia Nunes; GAUDENCIO, Júlio Cezar. Ensino e docência: desafios para a formação e atuação de professores de Sociologia/Ciências Sociais. **Política & Sociedade**, vol. 14, n. 31, 2015, p. 63-86.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. **Educação não é privilégio**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1957.

UFAL. **Perfil socioeconômico e cultural dos(as) estudantes da UFAL**. Maceió: Edufal; Proest, 2020.

WEBER, S. **O professorado e papel da educação na sociedade**. Campinas: Papirus, 1996.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco. O Estágio na Formação do Professor de Sociologia. **Cadernos CEDES**, v. 85, 2011, p. 449-458.